

FOGO AMIGO: A LINGUAGEM COMO ESPAÇO DE VALOR EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA ADICHIE

Charles Albuquerque PONTE*
Larissa Lacerda de SOUSA**

- **RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar a relação entre língua e poder no romance *Americanah* (2013), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, especialmente em sua constituição como valorização individual no espaço africano. Portanto, nosso trabalho se delimita a analisar passagens da obra ambientadas na Nigéria, analisando como a língua é, por si só, um espaço de conflito, de opressão e de resistência, que revela tensões, relações assimétricas socioculturais entre as personagens. A partir disso, iremos discutir de que modo a linguagem na obra pode ser caracterizada como um terceiro espaço, que possibilita a negociação das diferenças e a mediação desses conflitos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Americanah*. Linguagem. Poder. Posicionamento.

Introdução

O romance pós-colonial africano, gênero que emergiu da experiência de colonização, aborda constantemente a resistência tanto como tema quanto no seu próprio projeto estético, e pensar essa resistência pressupõe, basicamente, negociar uma oposição entre forças, o que significa discutir as configurações de relações de poder. Diante dessas relações e como elas são representadas nos textos literários, um dos elementos mais pertinentes a ser analisado é a própria linguagem. Neste artigo, apresentamos uma leitura crítica do romance *Americanah* (2013), tendo como foco a relevância da linguagem como um projeto da própria obra.

A narrativa aqui discutida apresenta diferentes personagens em contexto de deslocamento. A protagonista, Ifemelu, sai da Nigéria ainda jovem e vai morar nos Estados Unidos, onde recebe uma bolsa de estudos e passa a frequentar a Universidade

* UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Departamento de Letras Estrangeiras. Pau dos Ferros – RN – Brasil. 59900-000 - charlesponte@uern.br.

** Mestra em Letras. UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pau dos Ferros – RN – Brasil. 59900-000 - lacerdalarissa7@gmail.com.

de Princeton. Ifemelu adentra esse espaço como subalterna, racializada, passando a ver a si mesma como negra, quando confrontada com o olhar do Outro. Anos depois, a protagonista regressa ao seu país de origem e continua a lidar com um sentimento de não pertencimento.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar, sob uma perspectiva pós-colonial, a relação entre língua e poder no romance mais recente de Adichie, mais especificamente como ela permeia o discurso de valor do Outro em detrimento de si em um país africano. Importa, portanto, advertir o leitor que o nosso trabalho parte de um recorte que toma como critério a divisão de macro espaços na obra, de modo que o que será apresentado aqui é como a língua se configura nesse elemento conflituoso, a partir das passagens situadas na Nigéria. Devemos, ainda, explicar que este espaço não é tomado de forma isolada, mas percebido em relação ao seu exterior e a sua posição em relação aos outros dois países que aparecem – Estados Unidos e Inglaterra –, revelando a relação centro-periferia. O recorte é feito, portanto, a fim de focalizar e apresentar de forma mais consistente uma problemática específica, partindo da compreensão de que a centralização de um espaço pode, entre outros efeitos, ajudar a perceber mais de perto as contradições que aí existem.

Analisamos como os conflitos relacionados a uma herança colonial, processos imperialistas, relação centro/margem e relações de classes sociais são materializados na linguagem. Além disso, importa salientar também a coexistência da língua inglesa e de línguas nativas africanas, percebendo como a utilização de uma língua corresponde a posicionamentos das personagens diante da linguagem. Assim, cabe discutir os sentidos da inserção de frases em igbo dentro do texto, a escolha de um idioma em detrimento de outro ou as variações de uma mesma língua e a discussão sobre a linguagem feita pelas próprias personagens do romance, que se relaciona à noção de pertencimento a um determinado grupo social. Importa destacar que, para o recorte feito neste artigo, é utilizada a tradução da obra, que não compromete essa dinâmica para a análise proposta.

Deseja-se, ainda, salientar que a escolha do referencial teórico deste trabalho se dá porque os estudiosos da crítica pós-colonial desenvolveram contribuições relevantes para análises que se debruçam sobre questões de língua, de dominação e de resistência, que emergiram de um contexto colonial. Esse referencial inclui Fanon (1968, 1983), cuja obra foi fundamental para os autores que posteriormente edificaram o campo da crítica pós-colonial e que nos ajuda a entender as relações assimétricas entre línguas europeias e línguas nativas das colônias, decorrentes do imperialismo e da colonização; Said (2011) e o papel da cultura nessas relações; e Bhabha (2013), com o conceito de Terceiro Espaço, a partir do qual a linguagem é entendida como um lugar de onde emerge a possibilidade de negociação, que permite a compreensão das estratégias pós-coloniais como formas de articulação

das diferenças. Esse material contribui para a leitura crítica de obras mais recentes, em contexto de descolonização, como a obra à qual nos dedicamos neste trabalho.

A língua e as relações de dominação na Nigéria

“Meu Deus, prima. Nunca vi tanta gente negra ao mesmo tempo!” (ADICHIE, 2014, p. 452). Essa é a reação de Dike, primo da protagonista Ifemelu, na sua primeira visita a Lagos, já depois de Ifemelu ter retornado à sua cidade natal após mais de uma década nos Estados Unidos. A exclamação de Dike nos leva a compreender que a questão da raça não é essencial na Nigéria, isto é, os habitantes de Lagos não se enxergam como negros, eles somente tornam-se negros fora dali, a partir do olhar de alguém não negro. Dike é um adolescente que sempre morou nos Estados Unidos, onde a maior parte da população não é negra e onde foi submetido ao processo de *racialização*. Portanto, o olhar dessa personagem é um olhar de fora. Por outro lado, Ifemelu, quando conta para Curt, seu ex-namorado branco dos Estados Unidos, que ainda está escrevendo um blog, ele pergunta se o blog ainda é sobre questões raciais e ela responde que “é só sobre a vida. Falar sobre questões raciais não funciona bem aqui. Quando saí do avião em Lagos, me senti como se tivesse deixado de ser negra.” (ADICHIE, 2014, p. 511).

Isso não quer dizer que o fator “raça” não exista nesse espaço, entretanto o ponto de partida aqui é a compreensão de que, na Nigéria, a raça não é um fator tão relevante de distinção entre as personagens, porque o processo de construção da raça é feito, historicamente, pelo homem branco, que, alicerçado por uma determinada estrutura de poder, se coloca como a regra. Assim, em um lugar majoritariamente composto por pessoas negras, é possível observar mais os efeitos/reprodução desse processo. É nesse sentido a argumentação de que a configuração do espaço em *Americanah* se torna essencial, principalmente porque, enquanto literatura diaspórica, a descrição de macro espaços atribui sentidos essenciais na construção do texto. Por exemplo, as questões raciais passam a ser mais ou menos significativas de acordo com o espaço no qual a personagem está situada. Além disso, se a raça não é o fator de diferenciação entre as personagens, então outros fatores aparecem no texto.

Isso posto, parte-se de uma asserção de que a cidade de Lagos não deve ser tomada aqui como um espaço isolado, visto que o “exterior” é entendido como um elemento sempre presente na vida dessas personagens. Isso se dá de diferentes formas: desde o contato direto com esse lugar de fora e/ou com personagens que retornam desse lugar até o consumo de bens culturais, como filmes, livros e músicas. Daí, decorre pensar o lugar da cultura nesse contexto e como esses elementos passam a ser avaliados pelas personagens, de modo a considerar que o consumo desses elementos só passa a ser conflituoso porque é atravessado por aspectos de dominação, os quais envolvem as classes sociais e o imperialismo cultural.

Said defende que o imperialismo foi consolidado também a partir da cultura, pois é a cultura que faz com que o imperialismo ganhe coerência. Afirma-se que as práticas imperialistas não acabaram com a independência dos países colonizados, mas que essas práticas foram ideologicamente reconfiguradas de modo que “não se restringe a soldados e canhões, abrangendo também ideias, formas, imagens e representações.” (SAID, 2011, p. 40). Por isso que, nesta pesquisa, se quer destacar tanto os vestígios de um colonialismo clássico, com a sua nova roupagem, uma vez que, como defende categoricamente Fanon (1968, p. 80), “o colonialismo e o imperialismo não estão quites conosco por terem retirado suas bandeiras e suas forças policiais. Durante séculos, os capitalistas comportaram-se no mundo subdesenvolvido como verdadeiros criminosos de guerra”.

Além disso, e também como consequência disso, há a formação de uma elite nacional voltada para a defesa de interesses próprios sem uma aparente preocupação com o desenvolvimento da nação. Essas características ajudam a compor o cenário da cidade de Lagos, que é apresentada no romance, e esta análise procura revelar os efeitos da materialização desses conflitos na linguagem, que decorrem não apenas das variações de uma mesma língua, mas também a partir da coexistência das línguas europeias, como o inglês e o francês, com as línguas africanas, como igbo, iorubá e hauçá. Assim, o espaço em *Americanah* é um elemento primordial para que se entenda a partir de que contexto e como a linguagem passa a ser negociada.

Quando a narrativa está na Nigéria, além do uso de diferentes línguas, importa ver como os conflitos de identidade, que se relaciona ao fato de ser igbo, iorubá, hauçá, também perpassam a escolha da língua pelas personagens. Desse modo, o cruzamento entre culturas e os conflitos no uso das línguas e suas variantes não são apresentados somente por meio das personagens que migram para os Estados Unidos ou para a Inglaterra. De toda forma, a escolha da língua aparece sempre como uma reivindicação de identidade e, de certa forma, como uma posição política ou como o resultado de diferentes fatores externos, mas também subjetivos. Importa explicar brevemente que a língua inglesa se estabeleceu no continente africano principalmente por meio do colonialismo, o que fez com que a relação entre ela e as línguas nativas africanas fosse caracterizada por uma convivência assimétrica, que deve ser compreendida por meio de relações de poder. Uma vez que a língua inglesa foi apreendida como língua hegemônica, as línguas africanas foram subalternizadas (RODRIGUES, 2011).

A narrativa situada em Lagos divide-se em dois tempos: antes do deslocamento de Ifemelu e após o seu retorno, e apresenta-se de forma não linear, de modo a intercalar períodos em que a protagonista está na Nigéria e nos Estados Unidos, além do período em que Obinze está na Inglaterra. As primeiras cenas do romance, ambientadas na Nigéria, correspondem à juventude de Ifemelu, sua vida com a família, os amigos e o seu namorado Obinze. Essa parte da obra apresenta o contexto das personagens nigerianas, em sua maioria de classe média, no seu dia a

dia atravessado, principalmente, por duras condições de vida, que são apresentadas sobretudo por meio da insatisfação das personagens com o governo local, com a situação das universidades, com o desemprego e com a falta de oportunidades. A obra, desse modo, cria um ambiente de frustração, um contexto que justifica, em parte, a insatisfação das personagens com a terra natal e a obstinação de algumas delas em partir para outro lugar, o que configura uma das características da literatura diaspórica que “tem por tema dispersão diaspórica e o fator, ou fatores, que a causaram, frequentemente um trauma na terra natal, o qual, em geral, é conhecido logo na exposição.” (BRAGA, 2019, p. 97).

A história da protagonista, em Lagos, começa com a apresentação dos seus pais, que não são nomeados ao longo do texto. O pai de Ifemelu é uma personagem pertinente para ilustrar esse cenário de frustração acima citado. Ele é marcado por uma tristeza, apresentada pelo olhar da própria protagonista, que o enxergava como “um homem repleto de anseios desbotados, um funcionário público com ambições intelectuais que desejara uma vida diferente da que tinha, desejara ter estudado mais” (ADICHIE, 2014, p. 56). Sabe-se que o pai de Ifemelu teve acesso a uma educação formal, pois “expressava-se num inglês polido e formal. As empregadas deles mal o entendiam, mas ainda assim ficavam bastante impressionadas” (ADICHIE, 2014, p. 56). Para Ifemelu, esse uso da língua correspondia a uma estratégia do próprio pai diante da colonização. Para ela, ele aprendeu e utilizava aquele inglês formal para impressionar os professores missionários. Ainda que essa seja uma avaliação da protagonista sobre o pai, o que se pode analisar é que a fala dessa personagem sugere o passado colonial recente e que ela acaba por ser uma forma de distinção, como se pode analisar do trecho que se segue:

Até a caligrafia dele era afetada, cheia de curvas e floreios, com uma elegância uniforme que parecia impressa. Quando Ifemelu era criança levava bronca dele por ser recalitrante, irascível, intransigente, palavras que faziam suas pequenas ações parecerem épicas e quase dignas de orgulho. Mas o inglês do pai começou a incomodá-la quando ela ficou mais velha, pois era uma fantasia, seu escudo contra a insegurança. Ele era assombrado pelo que não tinha – um diploma, uma vida de classe média alta – e, por isso, suas palavras empoladas se tornaram uma armadura. Ifemelu preferia quando o pai falava igbo; eram as únicas ocasiões em que parecia não ter consciência de suas ansiedades. (ADICHIE, 2014, p. 56)

O poder que as palavras tinham para tornar as histórias mais significativas e o seu impacto sobre Ifemelu, ainda criança, assume, ao longo do tempo, um valor ambíguo de simultâneas vitória e derrota. A falta de compreensão dos sentidos das palavras revela como elas parecem inacessíveis às demais personagens, e a presença desse inglês formal implica a presença de um inglês que foge às regras dessa norma, mesmo porque nem todas as personagens tiveram acesso a uma educação formal.

Contudo, quando Ifemelu cresce e adquire instrução, a utilização dessas palavras ganha outro significado para ela, que não tem a ver somente com a apreensão de um sentido específico, mas com o fato de que a escolha da língua revela a reivindicação de uma identidade. O igbo, que é a sua língua materna, relaciona-se, na perspectiva da protagonista, com quem o pai realmente é. Quando usa essa língua, a personagem demonstra estar à vontade, ao passo que, quando faz uso da língua inglesa, aquela aprendida em um contexto de dominação, o uso aparece como um tipo de defesa e uma simulação, utilizada para causar um efeito naquele que deseja atingir.

De acordo com a avaliação de Ifemelu, a vida do pai não lhe satisfazia e a utilização daquelas palavras, com que os outros pareciam não familiarizados, marca um tipo de “privilégio” desse homem, que possui algo importante. Não obstante, isso revela um trauma, pois, ao mesmo tempo em que os colonizadores impuseram a língua inglesa como uma língua relacionada ao progresso, ao avanço, em oposição àquilo que foi dito como primitivo, a aprendizagem dessa língua não significou avanço para o povo que foi colonizado, exceto como fetiche para aqueles que não tiveram acesso a ela, como as pessoas que trabalham na casa, servindo, então, para reforçar não somente uma opressão cultural, mas também social, interna naquela comunidade. Ressalta-se que esse período de descolonização é marcado por uma decepção coletiva em relação às expectativas do período anterior à independência, de forma que a *vitória* do pai termina por promover um cisma social, além de reforçar em parte o projeto colonial.

Nesse último quesito, a atitude do pai ainda pode ser lida dialeticamente como uma estratégia, que Homi Bhabha (2013) chamou de *Mímica*, que é “o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se ‘apropria’ do Outro ao visualizar o poder” (BHABHA, 2013, p. 146). Essa estratégia, justifica o autor, é eficaz por manter sempre o sinal da diferença e nunca se tratar de um processo de assimilação. A mímica consiste no desmantelamento do discurso colonial justamente porque implica a presença do outro. O pai de Ifemelu enxerga, no uso da língua inglesa, uma forma de alcançar um padrão estabelecido por esse Outro, embora, como se perceba, a diferença não desaparece. Dessa maneira, a mímica resulta nessa identidade conflituosa, característica marcante dessa personagem, que transita entre a apropriação e a recusa dessa cultura do Outro. Por isso é que se pode afirmar que a mímica se trata de uma articulação dupla e que nisso consiste o seu caráter ambivalente.

Ifemelu, ao afirmar sua preferência por ver o pai falando em igbo, abre espaço para que se analise como a escolha da língua se relaciona com a identidade da personagem híbrida, a qual se caracteriza não somente por meio das personagens que experienciam um deslocamento geográfico. É o que explica o fato de que o pai de Ifemelu se posiciona diante da linguagem e que suas escolhas revelam uma

relação traumática com a língua inglesa, própria de uma geração que se viu obrigada a aprendê-la sob um regime de violência.

Por outro lado, as personagens mais jovens representam uma geração em que a escolha da língua ocorre de maneira mais branda e natural. Para contrapor o uso da língua por essas gerações, pode-se destacar a cena em que Obinze e Ifemelu aparecem alterando o uso do idioma, dizendo provérbios, quando apostam quem fala igbo melhor:

Ama m atu inu. Eu sei até provérbios.

Claro. O mais básico, que todo mundo sabe. Um sapo não corre à tarde por nada.

Não. Eu conheço provérbios sérios. *Akota ife ka ubi, e lee oba.* Se algo maior que a fazenda é desenterrado, o celeiro é vendido.

Ah, você quer me testar?, perguntou ela, rindo. *'Acho afu adi ako n'akpa dibia'.* O saco do homem dos remédios tem todo tipo de coisa. (ADICHIE, 2014, p. 70).

Nesse diálogo, encontra-se um traço de reprodução de um aspecto da cultura nigeriana, o qual pode ser lido como um ato de preservação que se dá quando as personagens dessa geração mais jovem reproduzem provérbios, marca da oralidade africana. Essa presença da oralidade é reforçada pelo fato de que Obinze não aprendeu esses provérbios nos livros, como fazia para se aproximar de elementos da cultura estadunidense, mas sim escutando a conversa de seus tios, o que também revela, de certa forma, que essa cultura autóctone perdeu espaço e interesse pelos habitantes daquele povo.

Além disso, a inserção desses ditados, escritos em igbo, consiste, dentro desse romance, em uma estratégia chamada de *lacuna metonímica* que, de acordo com Ashcroft (2014) e Bonnici (2005), consiste na inserção de palavras e de frases da língua nativa do colonizado em um texto escrito na língua do colonizador, ocorrendo uma mudança de código, formando um “hiato cultural”. Mesmo em uma literatura mais recente, como *Americanah*, com outra configuração que não mais a oposição clara entre colonizador/colonizado, esse recurso ainda configura uma forma de “intromissão” de uma língua que fora subalternizada e que é, em si, a presença desse “outro”. No diálogo em questão, podemos afirmar que há uma reconfiguração da relação entre essas línguas, a partir especificamente do uso feito por essas personagens no contexto apresentado.

Outro exemplo dessa reconfiguração são as conversas entre Obinze e sua esposa, Kosi, anos depois, que também demonstram a naturalidade na troca das línguas por uma geração que teve acesso a uma educação bilíngue: “‘Querido, *Kedu ebe I no?*’ Kosi, sua esposa, sempre iniciava qualquer telefonema para ele com essas palavras. Onde você está?” (ADICHIE, 2014, p. 28). Nessas passagens, não se percebe uma hierarquia, apenas as personagens sentindo-se à vontade para

utilizar, no seu cotidiano, as diferentes línguas que conhecem: “‘Sol da noite! *Asa! Ugo!*’, disse Obinze. ‘O Chief não vai precisar acender nenhuma luz na festa depois que você chegar’” (ADICHIE, 2014, p. 29). O efeito dessa estratégia consiste, portanto, em dismantlar o *status* de “donos da língua” e em divulgar o discurso do subalterno.

Por outro lado, essa divulgação sempre traz como recalque a presença do Outro, pois vem acompanhada por indicações de tradução ou de significado. A necessidade de se facilitar a leitura para um leitor não proficiente em igbo, por um lado, obedece às regras da indústria cultural de tentar incluir o maior grupo de consumidores possível, bem como indica que o olhar da autora não está voltado somente para a sua comunidade, mas para diversos Outros, o que é interessante do ponto de vista de como a obra constrói o seu ato de fala. Em certos aspectos, essa facilitação se rende à necessidade de compreensão do Outro, mas ao mesmo tempo funciona como uma forma de negociação e aproximação, fundamento para solapar as diferenciações totalizadoras que sedimentam a discriminação e o racismo.

Ainda é possível destacar, no romance, a possibilidade de coexistência de diferentes línguas africanas, oriundas de diferentes grupos étnicos nigerianos. Há uma cena em que Obinze está na cidade de Abuja, Nigéria, para vender um terreno para um executivo chamado Edusco. Durante a negociação, ao reclamar o preço, Edusco diz:

Está vendo, esse é o problema com vocês, igbos. Não tratam de irmão para irmão. É por isso que gosto de iorubas, eles cuidam uns dos outros. [...] um hausa fala hausa com outro hausa. um ioruba vê um ioruba em qualquer lugar e fala ioruba. Mas um igbo fala inglês com outro igbo. Fico até surpreso de você estar falando igbo comigo. (ADICHIE, 2014, p. 490)

Obinze justifica a acusação de Edusco afirmando que este “sentimento de vergonha” é um efeito da derrota do povo igbo na Guerra de Biafra, guerra civil nigeriana (1967-1970). Contudo, Edusco apela para um tipo de fraternidade entre eles para fechar o acordo. Ainda assim, o diálogo entre eles é marcado pela alternância entre inglês e igbo, que revela uma reivindicação de uma identidade.

Apesar disso, também os membros dessa geração não escapam da reprodução dessas relações desiguais. A fala de Obinze apresentada anteriormente, para justificar o uso da língua inglesa e não de uma língua nativa africana, ao invés de ser lida como um sentimento de vergonha, como a personagem afirma, pode ser lida, por outro lado, como um motivo de orgulho de um povo de uma região (Biafra) economicamente mais desenvolvida, onde a maioria da população fala inglês. Essa atitude demonstra como a noção de prestígio relacionada a questões linguísticas aparece na obra, uma vez que a língua atua como um instrumento de exclusão dentro do próprio país.

As personagens, principalmente aquelas que estiveram fora da Nigéria, procuram formas de se distinguir uma das outras, porque, além do fato de terem estado em contato com uma cultura supostamente “mais desenvolvida”, o deslocamento dessas personagens marca também uma posição social. Assim, por exemplo, Kayode, um dos meninos da escola de Ifemelu, era admirado pelos seus colegas porque sempre passava as férias na sua casa na Inglaterra. Da mesma forma, também a namorada de Kayode era admirada porque falava com um “sotaque britânico”. Assim, o ato de falar com um sotaque estrangeiro é visto como uma qualidade por essas personagens, mas deve-se analisar que não se trata de qualquer variante da língua: quase sempre, durante a narrativa, destaca-se a forma de falar dos ingleses e dos estadunidenses, que é, na maioria das vezes, compreendida por essas personagens não somente como uma simples distinção, mas como a marca de um *status* social “superior”.

Assim, as estratificações sociais vão sendo apresentadas ao longo da narrativa, composta por personagens que se sentem, em sua maioria, oprimidas por um governo e por uma elite que não se preocupam com o desenvolvimento da nação e com a coletividade. Elas sentem que não têm suas necessidades atendidas. Enquanto os “filhos dos membros do governo estudavam no exterior”, vários estudantes “torciam por greves curtas, pois sabiam que seria impossível não haver greve nenhuma” (ADICHIE, 2014, p. 109). Tal contexto contribui para que as personagens se sintam inferiorizadas, enquanto coletividade, e já se percebiam subalternas dentro do próprio país.

A questão que se quer analisar, a partir disso, é que essa imagem de si se associa constantemente à imagem dos países que são vistos como superiores ou como detentores da possibilidade de uma vida melhor e, conseqüentemente, à oposição que é estabelecida entre eles. Obinze, por exemplo, filho de uma professora universitária, jovem de classe média, demonstra uma grande idealização dos Estados Unidos. O narrador informa que essa personagem sabia detalhes sobre a cultura estadunidense que os seus colegas, que também consumiam livros, revistas, música e TV dessa cultura, não conheciam. Obinze sabia detalhes sobre presidentes antigos e sobre os bastidores de programas de TV dos Estados Unidos. Isso pode ser lido como uma característica da sua juventude e a falta de experiência, muito embora não seja somente isso.

Todo esse consumo também aponta para o imperialismo cultural, como ele é representado na obra, e o papel ideológico de bens culturais na construção da imagem dos Estados Unidos para as personagens nigerianas. A justificativa da própria personagem sobre o seu interesse por livros estadunidenses demonstra a relação do consumo dessas obras com as expectativas que ele tem sobre o país: “eu leio livros americanos porque os Estados Unidos são o futuro, mãe” (ADICHIE, 2014, p. 79), de modo que o interesse de Obinze pelos livros estadunidenses pode ser lido como resposta ao desejo da personagem de se aproximar desse lugar. Como

ele não teve a oportunidade de ir, buscou essa aproximação tentando aprender sobre a cultura daquele país por meio dos livros. Obinze compartilhava com os demais colegas essa vontade de conhecer esse outro lugar. Para eles, como disse Kayode: “um passaporte americano é a coisa mais legal do mundo.” (ADICHIE, 2014, p. 75). Sua admiração era tanta que ele costumava elogiar Ifemelu, dizendo: “você está parecendo uma negra americana.” (ADICHIE, 2014, p. 76).

Contudo, no decorrer do romance, Obinze passa por uma transformação que tem muito a ver com o trauma vivido na Inglaterra e a experiência de um *duplo fracasso*. Diante das próprias expectativas, Obinze não foi um caso de sucesso. Ele não retorna da Inglaterra próspero nem por vontade própria; ele é deportado após a tentativa de um casamento arranjado para a obtenção do visto de cidadania, para que pudesse permanecer no país. Enquanto esteve na Inglaterra, ele enfrentou trabalhos pesados e, quando chegou à Nigéria, “ainda estava horrorizado com o que havia acontecido com ele na Inglaterra, envolto em camadas de autopiedade” (ADICHIE, 2014, p. 31).

É na própria Nigéria que Obinze consegue prosperar, o que consiste em uma ironia da narrativa, pois Obinze não via no seu país um lugar onde isso fosse possível. Assim, ele dedicou muito do seu tempo sonhando com os Estados Unidos, mas acabou se tornando um homem bastante rico no seu país natal, tornando-se um membro de um grupo de “pessoas importantes”. Por outro lado, sua experiência na Inglaterra foi caracterizada pela sua invisibilidade, dada principalmente pela sua condição de imigrante ilegal.

No entanto, o trabalho que torna Obinze um homem rico sugere um tipo de trabalho ilegal. Trata-se de um esquema de venda de casas, em que Obinze é uma espécie de avaliador, um consultor imobiliário, e que os imóveis são desvalorizados para serem vendidos em um preço superior. Seu trabalho requer “fazer parecer que está seguindo os procedimentos corretos.” (ADICHIE, 2014, p. 34). Esse é um contexto pós-ditadura na Nigéria, em que, durante a narrativa, as próprias personagens africanas tocam constantemente no tema da corrupção no país.

Obinze também se admirava de como as coisas se tornaram diferentes no momento em que se tornou um homem rico, “até a embaixada dos Estados Unidos agiu diferente. Eles haviam lhe recusado um visto anos antes, quando era jovem e repleto de ambições americanas, mas, com seu novo saldo bancário, conseguiu o visto sem problemas.” (ADICHIE, 2014, p. 35). Mas é justamente a partir dessa condição privilegiada de Obinze que ele passa a frequentar ambientes de pessoas ricas, embora ele também se sinta deslocado nesses espaços. Em um jantar na casa de Chief, seu chefe, percebe-se a oposição não somente de Obinze com as demais personagens, mas do próprio Obinze adulto em oposição ao jovem. Nesse jantar, há pessoas que, assim como ele, pertencem a uma classe nigeriana privilegiada. É o exemplo da senhora Akin-Cole. O narrador introduz essa personagem por meio

de uma descrição que aponta para o diálogo que se desenrola e que demonstra uma personagem que quer provar sua distinção:

“como está sua filha? Já está na escola?” perguntou a sra. Akin-Cole. “Você precisa colocá-la na escola francesa. Eles são muito bons, muito rigorosos. É claro que as aulas são em francês, mas não vai fazer mal nenhum para a criança aprender outra língua civilizada, já que aprende inglês em casa.” (ADICHIE, 2014, p. 36)

A primeira coisa que se analisa é o quanto a senhora Akin-Cole se sente à vontade para opinar sobre a vida da filha de Kosi e Obinze, como se aquele fosse um assunto público e que de alguma forma pudesse ser discutido naquela ocasião. De fato, em diferentes sociedades do continente africano, o senso de coletividade justifica tal ação, que corresponde a um aspecto cultural. Tal aspecto é explicitado em um ditado atribuído aos povos igbos e iorubás: “*it takes a village to raise a child*” [é preciso uma vila para criar uma criança]. Desse modo, a atitude da senhora Akin-Cole pode ser lida como coerente a uma concepção de mundo que compõe a cultura na qual a personagem está inserida, um entendimento de que a educação de uma criança é responsabilidade de todos e não somente dos pais, não somente de um núcleo familiar pequeno, mas de toda a comunidade. Mas, além disso, a leitura que se quer fazer é a de que a posição dessa personagem não se trata de uma preocupação com Buchi, mas é, na verdade, apenas uma oportunidade para expor a sua opinião para seus ouvintes, como se fizesse um recorte da sua imagem para as demais pessoas, de modo que o assunto revela ser mais sobre ela e o que ela acha sobre as línguas europeias, demonstrando seu pertencimento à elite local.

A colocação de uma “língua civilizada”, na fala da personagem, deixa implícita a existência de uma língua “não civilizada”. No contexto da fala da sra. Akin-Cole, pode-se inferir uma oposição entre língua francesa e língua inglesa x língua africana, provavelmente o igbo, o que reforça a presença da dualidade entre língua dominante e língua subalterna. Destaca-se, também, que, logo após dizer “outra língua civilizada”, a personagem menciona a língua inglesa e, desse modo, não há dúvidas de que ela não está falando de uma língua africana como uma língua civilizada. Sabe-se que esse termo, eurocêntrico, é utilizado para atribuir a noção de progresso, de algo superior, e pressupõe a existência de um referente tido como bárbaro e inferior.

Logo em seguida, outra personagem, de cujo nome Obinze não se recorda, afirma: “a escola francesa não é ruim, mas prefiro a Sidcot Hall. Eles seguem o currículo britânico completo” (ADICHIE, 2014, p. 36). Primeiro, quer-se afirmar que o fato de Obinze não lembrar o nome dessa personagem que emitiu tal opinião reforça que essas personagens são estranhas umas às outras e, portanto, reforça-se a leitura de que as suas falas são realizadas mais como pretexto para a criação da

imagem de si do que um engajamento com seus ouvintes, a não ser pelo fato de que é para estes que essa imagem se apresenta. Em outra passagem, o narrador conta que “Obinze descobriria mais tarde que pessoas importantes não conversam com as pessoas, só falavam com elas” (ADICHIE, 2014, p. 32). Em seguida, quer-se afirmar que, embora haja uma discordância nas opiniões emitidas por essas personagens, elas têm em comum o fato de reconhecerem a língua europeia e um currículo estrangeiro como elementos superiores e que, assim, seriam capazes de garantir uma educação melhor. A escolha das escolas, portanto, revela os usos linguísticos que desejam para os filhos.

Importa reparar que, apesar de estarem na Nigéria, elas sequer mencionam as escolas com um currículo nigeriano, até que Obinze menciona essa possibilidade ao indagar que essa foi a educação a que eles próprios tiveram acesso. O narrador diz que Obinze costumava admirar pessoas ricas com sotaques estrangeiros quando jovem, mas esse Obinze, mais velho, depois da experiência na Inglaterra, é marcado pela frustração de não ter encontrado fora do país essa oportunidade de progresso que circula o imaginário das personagens, sob o qual ele cresceu influenciado. Portanto, ele decidiu que a filha não iria estudar em uma escola francesa. Ao tomar essa decisão de forma particular, a despeito das opiniões emitidas pelas outras personagens, Obinze acaba agindo de forma diferente daquela esperada em sua própria cultura.

A sra. Akin-Cole considerou uma desvantagem o fato de estudar em uma escola “com professores nigerianos de meia-tigela”, e, sobre a personagem, sabe-se que

[...] falava com aquele sotaque estrangeiro impossível de identificar, que misturava britânico, americano e mais alguma coisa, tudo ao mesmo tempo, dos nigerianos ricos que não queriam que ninguém esquecesse como eram viajados, como seu cartão executivo da British Airways estava repleto de milhas. (ADICHIE, 2014, p. 37)

Essa descrição sobre a forma de falar de Akin-Cole sugere o esforço da personagem em demonstrar que ela não era como as outras, que ela tinha acesso àquilo que nem todos poderiam ter e que isso lhe proporcionava um tipo de *status* do qual ela parecia se orgulhar. Nesse sentido, deve-se perceber como as relações de classe também atravessam o discurso dessas personagens. Ao discutir sobre o signo e sobre as relações de classe, Volóchinov (2013) discute sobre o fato de todo falante pertencer a uma classe e que as suas palavras são condicionadas pelas relações de classe. Essa afirmação tem mais a ver com uma avaliação do sujeito que está presente na palavra, ao considerar que a palavra exprime, na verdade, uma avaliação sobre a realidade. Desse modo, o autor afirma que “a palavra torna-se a

arena de luta de classes, a arena da dissidência de opiniões e de interesses de classe orientados de modos distintos” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 197).

Importa dizer que não se discute aqui o fato de essas escolas serem boas ou ruins por terem em si um currículo estrangeiro ou um currículo nacional, mas importa analisar a forma como, mais uma vez, aquilo que vem de nações ditas desenvolvidas são logo tomadas como melhores opções em detrimento da inferiorização daquilo que é nigeriano. Isso se dá, sobretudo, na menção de que, nessa escola, as crianças têm acesso a uma língua “civilizada”, semeando mais uma vez a ideia de que prestígio e pertencimento à elite no romance, a partir da representação da fala das personagens, passa pela vivência de/em países ricos.

Portanto, o retorno ao país de origem, que é comum em literaturas que tratam da diáspora, acaba por definir algumas das personagens do romance. O retorno para casa, quando se realiza, dá-se por razões diferentes: o vencimento de um visto temporário, a deportação ou o desejo e a saudade do lar de personagens que podem ou não ter prosperado nesse outro lugar. Em *Americanah*, é possível encontrar essas diferentes situações. O retorno de Ifemelu, por exemplo, também tem a ver com Obinze, o que conduz para o desfecho da obra com o reencontro desse casal, compondo uma estrutura clássica de uma história de amor em que o casal apaixonado, depois de separado e após enfrentar tribulações, fica junto, e a história acaba, sem mais resoluções.

Frantz Fanon, ao falar sobre o negro da Martinica que volta da França, diz que ele é tratado como um semideus devido a sua proximidade com a cultura que se almeja e que “todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual originou-se um complexo de inferioridade, devido ao extermínio da originalidade da cultura local – tem como parâmetro a linguagem da nação civilizadora.” (FANON, 1983, p. 18). Assim, o exterior é um referente capaz de atribuir valor. Em *Americanah*, para diferentes personagens, aquilo que vem da Inglaterra, ou mesmo dos Estados Unidos, está associado ao que é bom, elegante, avançado, e, por consequência, aquele que esteve em contato com esses países passa a ser visto como alguém especial.

Quando Ifemelu vai procurar emprego em uma revista na cidade de Lagos, as mulheres que trabalham nesse ambiente exemplificam muito nitidamente essa ideia discutida por Fanon. A dona da revista, Onenu, em uma chamada telefônica, diz: “a maior parte dos meus funcionários se formou no exterior, enquanto aquela mulher da Glass contrata uma ralé que não sabe pontuar uma frase!” (ADICHIE, 2014, p. 432). Para Onenu, o fato de seus funcionários terem estudado no exterior torna-os profissionais mais qualificados em relação àqueles que, de acordo com a personagem, possuiriam uma formação deficiente, que, inclusive, se pode inferir que sejam seus concorrentes.

Assim, no decorrer da cena, o narrador detalha não somente o assunto, mas o modo de falar dessas personagens, destacando questões relacionadas à língua.

Ele diz, por exemplo, que Doris, uma das funcionárias da revista, “falava com um sotaque de adolescente americano que fazia suas frases parecerem perguntas, a não ser quando falava com a mãe ao telefone; então, seu inglês assumia um impassível tom nigeriano” (ADICHIE, 2014, p. 432). A intimidade ao falar com a mãe, que sempre a conhecera, sugere que Doris podia ser ela mesma e que, por outro lado, ao adotar outro sotaque, ela estaria apenas assumindo uma *performance* que, na sua visão, poderia lhe garantir algum prestígio.

Essa descrição sobre Doris demonstra que, com esse sotaque, vem uma nova personalidade. Esses diferentes posicionamentos relacionam-se à fragmentação da identidade dessas personagens e também à relação entre identidade e discurso. Stuart Hall afirma que as identidades são construídas no interior de práticas discursivas, são posicionamentos que “emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e exclusão do que o signo de uma unidade idêntica” (HALL, 2014, p. 109). Além disso, a maneira como Doris se dirige à Ifemelu, em um tom de familiaridade, trata-se de uma identificação forçada, pressupondo que o compartilhamento de uma experiência similar torne as duas personagens parecidas: “Doris falava como se ela e Ifemelu de alguma maneira tivessem o mesmo plano, a mesma visão de mundo.” (ADICHIE, 2014, p. 433). A descrição sobre Doris torna-se mais detalhada, revelando não de fato uma aproximação, mas alguém para quem ela poderia parecer outra pessoa:

[...] Eu tinha um emprego ótimo em Nova York, mas decidi me mudar e me estabelecer aqui”, disse Doris, “tipo, pressão da família para eu ficar aqui e tal, sabe? Tipo, eu sou filha única? Quando eu voltei, uma das minhas tias me olhou e disse: ‘Posso te arrumar um emprego num banco, mas você tem de cortar esse cabelo maluco’”. Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, zombando, quando imitou o sotaque da Nigéria. (ADICHIE, 2014, p. 433)

A necessidade que Doris apresenta de se justificar para uma pessoa estranha pode vir da necessidade de provar que ela não foi um caso sem sucesso por ter retornado. Essa postura pode ser ainda lida menos como uma justificativa à Ifemelu e mais como uma autoafirmação, o desejo de Doris de justificar-se para si mesma, de convencer a si mesma que tinha escolhas e que estava ali por decisão própria, porque, de alguma forma, aquilo era necessário. Assim, confirma-se que o exterior funciona, para algumas das personagens, como um parâmetro de qualidade. Em uma perspectiva fanoniana, tal fato deriva do complexo de inferioridade do negro, resultado de um processo econômico e da interiorização dessa inferioridade, que termina por fazer com que o negro almeje se aproximar dessa cultura “superior”. Desse modo, quanto mais próximo estivesse desse lugar, desse exterior, mais elevado ele estaria: “quanto mais ele rejeitar sua negridão e a selva, mais branco ele será”. (FANON, 1983, p. 18). A atitude de Doris enfatiza um contraste entre

esses espaços e faz com que ela sinta a necessidade de justificar a volta à sua terra natal. É como se, para Doris, o retorno para casa não fosse um motivo de orgulho, mas um fato incompreensível que precisa ser explicado. Essa tentativa de justificar o retorno se relaciona ainda com as expectativas construídas antes da migração e o medo do duplo fracasso.

Diante disso, confirmamos que, nessas passagens, as personagens apresentam diferentes opiniões em relação ao próprio país e aos Estados Unidos, que remetem às diferenças estabelecidas entre esses espaços. Assim, surgem, no texto, estratégias que envolvem a busca pelo pertencimento e, ao mesmo tempo, o estabelecimento da diferença. É exatamente aí que a linguagem, tal como foi aqui problematizada, é destacada como um elemento indispensável na construção da obra, capaz de sinalizar um processo pelo qual determinada personagem se torna uma “americanah”, alguém que esteve nesse outro país cobiçado pelos que ficaram, que experienciaram uma tentativa de assimilação cultural diante de um contexto de opressão. Essa palavra, em si, traz a noção de deslocamento e de uma identidade fragmentada. Além desse contexto, quer-se destacar que, como título do romance, a palavra “americanah” apresenta ao leitor a centralidade da linguagem na construção do texto.

Considerações finais

Na análise aqui apresentada, procuramos discutir como a linguagem configura um projeto relevante em *Americanah*. Ao analisar seu uso na caracterização das personagens, como forma de posicionamento, a linguagem é percebida aqui como um terceiro espaço, onde conflitos e realidades distintas são negociadas. Esse espaço permite o desmantelamento da noção de autoridade e da fixação da norma. Analisar como isso ocorre, no ambiente que destacamos, indica também perceber o sentimento de inferioridade por parte de algumas das personagens em relação a esse exterior, que se configura, para elas, um parâmetro e a reprodução de formas de dominação dentro desse espaço – que consiste, no nosso estudo, na verificação do uso da língua como forma interna de exclusão.

Além disso, destaca-se que os conflitos travados pelas personagens se relacionam a uma reivindicação de identidade e, no decorrer da narrativa, a ênfase no uso da língua quase nunca é omitida da descrição das personagens e da construção das cenas. Ademais, na maioria das vezes, a linguagem ou a percepção sobre ela aparece na forma de estratégias para a obtenção de alguma vantagem, ou daquilo que se pressupõe ser uma vantagem, sendo, desse modo, um posicionamento. Tal característica traz às personagens a necessidade de um público, a noção de que eu preciso do outro para validar a minha identidade, e, nesse caso, esse outro assume tanto a função de impor como de a ele ser imposto. Diante dessa leitura, portanto, afirmamos que a linguagem não é um mero elemento na construção do romance

aqui analisado, mas que a centralidade da linguagem consiste no próprio projeto político e estético de *Americanah*, que já se apresenta desde o título da obra.

PONTE, C. A.; SOUSA, L. L. Friendly Fire: Language as a space of value in *Americanah*, by Chimamanda Adichie. **Itinerários**, Araraquara, n. 52, p. 203-219, jan./jun. 2021.

■ **ABSTRACT:** *The objective of this paper is to analyze the relationship between language and power in the novel Americanah (2013), by the Nigerian writer Chimamanda Adichie, especially in its constitution as individual valuing in African space. Therefore, our work is limited to analyze the passages of the work that are set in Nigeria, analyzing how the language is itself a space of conflict, oppression, and resistance, which reveals tensions, asymmetric socio-cultural relations among the characters. From this, we will discuss how the language in the work can be characterized as a third space, which enables the negotiation of differences and the mediation of these conflicts.*

■ **KEYWORDS:** *Americanah. Language. Power. Positioning.*

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Americanah**. Tradução de Julia Romeu. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ASHCROFT, B. Bridging the Silence: Inner Translation and the Metonymic Gap. *In: Language and translation in postcolonial literatures: multilingual contexts, translation texts*. 1ª ed. New York: Simona Bertacco, 2014. p. 43-70.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BONNICI, T. **Conceitos-chave da teoria Pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

BRAGA, C. R. V. **A literatura movente de Chimamanda Ngozi Adichie: pós-colonialidade, descolonização e diáspora**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2019.

FANON, F. O negro e a linguagem. *In: Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Marcela Caldas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fator, 1983. p. 17-35.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

HALL, S. Quem precisa da identidade? *In: Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* Tomas Tadeu da Silva (Org). 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.

RODRIGUES, Â. L. **A língua inglesa na África:** opressão, negociação e resistência. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2011.

SAID, E. **Cultura e Imperialismo.** Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VOLÓCHINOV, V. N. A palavra e sua função social. *In: A construção da Enunciação e Outros ensaios.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 189-212.

